

INQUÉRITOS LEXICAIS SOBRE A PRODUÇÃO AÇUCAREIRA NA ILHA DA MADEIRA

NAIDEA NUNES NUNES
(Universidade da Madeira)

Introdução

A produção açucareira está associada à cultura madeirense desde o início do povoamento da ilha pelos portugueses. Dada a importância da produção açucareira da Madeira, pareceu-nos relevante recolher o tesouro lexical desta área de actividade agrícola-industrial.

A presente comunicação tem por objectivo apresentar algumas observações e reflexões sobre a realização de inquéritos lexicais da produção açucareira na ilha da Madeira. Este estudo insere-se no nosso projecto de doutoramento que visa a elaboração de um atlas linguístico-etnográfico regional da ilha da Madeira, temático do sector da produção açucareira. Pretendemos com este atlas regional especializado numa área de actividade revelar aspectos lexicais específicos da região considerada e aprofundar o conhecimento terminológico da actividade em questão.

Rede de pontos de inquérito

Os principais pontos de inquérito são os locais onde existem engenhos em laboração (Calheta, Funchal e Porto da Cruz) e localidades onde há plantação de cana-de-açúcar, designadamente Ponta do Sol (Canhas), Ribeira Brava (S. João), Machico (Poço do Gil, Fazenda, Porto da Cruz). Os pontos secundários correspondem às localidades onde existiram engenhos ou plantação de cana-de-açúcar, como por exemplo: Santana, S. Vicente, Funchal, Câmara de Lobos. Excluimos a ilha do Porto Santo, por ser uma zona onde não há nem nunca houve produção açucareira.

Inquéritos lexicais anteriores realizados exclusivamente na ilha da Madeira

Existem alguns estudos dialectais madeirenses, feitos com base em inquéritos lexicais, mas estes raramente contemplam a área da produção açucareira.

A dissertação de licenciatura de Deolinda Bela de Macedo, *Subsídios para o estudo do dialecto madeirense* (1939), apresenta, no seu vocabulário, palavras relacionadas com a produção açucareira, nomeadamente *cana de açúcar*, *vindima das canas*, *sabugar*, *socar* e *emolhar*.

A *Tentativa de um pequeno atlas linguístico da Madeira, e algumas considerações sobre particularidades fonéticas, morfológicas e sintácticas do falar madeirense* de Maria Carmo Noronha Pereira (1951) abrange todos os concelhos da ilha da Madeira, apresentando atlas linguísticos que estabelecem algumas divisões dialectais na ilha, a nível lexical e fonético. Contudo, a autora não contempla, no inquérito nem no glossário, palavras relativas à produção açucareira.

Maria Ângela Rezende, na sua dissertação de licenciatura em Filologia Românica intitulada *Canhas e Câmara de Lobos. Estudo etnográfico e linguístico* (1961), não refere palavras da cultura açucareira, pois só tem em conta as actividades dos vimes e dos bordados.

O estudo de João da Cruz Nunes sobre *Os falares da Calbeta, Arco da Calbeta, Paúl do Mar e Jardim do Mar* (1965) aborda todos os aspectos da vida destas localidades, estabelece uma comparação com o continente português a nível de fenómenos fonéticos e apresenta um glossário por campos semânticos, incluindo o da cana-de-açúcar. No léxico da cana sacarina, o autor regista os termos: *arcos*, *arrobar* (termo empregue para designar o pesar das canas antes do embarque), *atestar*, *arrenca soca*, *cana bichenta*, *cana doce* ou *cana de chupar*, *cana da branca*, *cana da canica*, *cana do minho*, *cana da riscada*, *cana da violeta* (termos que nomeiam os diferentes tipos de cana), *canudo*, *cariço* ou *caniço*, *chupe*, *chupar*, *emolhar*, *engenho*, *fogão* (palavra utilizada para designar a chaminé do engenho), *fábrica*, *fragata*, *fragateiro*, *garafa*, *olho da cana*, *palha*, *refilho*, *socar*, *tira palha*.

Objectivos e metodologia dos inquéritos lexicais

Os objectivos do nosso inquérito são recolher e analisar o léxico da produção açucareira na ilha da Madeira. Trata-se do levantamento do tesouro lexical de uma actividade específica, visando o estudo histórico-etimológico das palavras do açúcar.

A definição destes objectivos determina a metodologia e perspectiva de abordagem etnogeolinguística excluindo a análise socio-variacional, dado que a especificidade do inquérito lexical exige informantes com conhecimentos

experienciais na área da produção açucareira: agricultores e trabalhadores de engenho. A inclusão de outros informantes para contemplar todas as faixas etárias e todos os níveis de escolaridade, numa perspectiva sociolinguística, implicaria a elaboração de um outro questionário da actividade açucareira com questões genéricas sobre o assunto o que não teria interesse para o nosso estudo.

Os nossos informantes são agricultores com experiência de plantação de cana-de-açúcar e trabalhadores de engenho com idades compreendidas entre os 30 e os 80 anos, o que nos permite verificar se há diferenças lexicais entre as diferentes faixas etárias. Como o inquérito abarca uma actividade essencialmente realizada por homens é raro encontrarmos informantes do sexo feminino.

A escolha dos informantes obedeceu frequentemente a critérios definidos pela geolinguística tradicional: não mobilidade, ruralidade, abaixo grau de instrução e idade compreendida entre os 40 e os 70 anos. Alargámos a faixa etária para os 30 e os 80 anos de modo a incluir os informantes mais jovens trabalhadores nas plantações de cana-de-açúcar e nos engenhos e os informantes mais idosos com conhecimento da antiga actividade açucareira, nos locais onde já não há produção.

Quanto ao número de informantes por ponto de inquérito ou localidade, como se trata de um questionário específico e limitado a uma área de actividade, parece ser suficiente um informante, se for bom. Nos casos em que há dúvidas ou o informante não sabe responder a algumas questões, recorremos a um segundo informante para confirmar e completar as informações, como é o caso de Câmara de Lobos, em que o informante designou por *camuga* o sumo da cana que em todas as outras localidades foi denominado *garapa*, tornando necessária a consulta de outro informante desta localidade para confirmar e delimitar o uso deste termo.

Depois da realização da prospeção linguística junto dos agricultores e trabalhadores dos engenhos, em Maio de 1998, elaborámos o questionário e começámos a fazer inquéritos em pontos distantes da ilha, em Julho de 1998, para assinalar diferenças lexicais entre os vários concelhos. Pretendemos, no futuro, aplicar o questionário numa rede de pontos de inquérito mais estreita (em localidades mais próximas) para delimitar as áreas lexicais.

Dividimos o questionário lexical da produção açucareira, que apresenta neste momento 300 questões (estando ainda em fase de reformulação), por temas ou áreas temáticas. Assim, na primeira parte, respeitante ao cultivo da cana-de-açúcar, incluímos: a cana-de-açúcar —tipos e doenças—, plantação da cana-de-açúcar, colheita da cana, instrumentos utilizados e transporte para o engenho. Na segunda parte, correspondente à transformação industrial da cana-de-açúcar no engenho, temos: a extracção do sumo da cana, cozimento da garapa, fabricação do mel, fabricação do açúcar, fabricação de aguardente, rum e álcool.

Realizámos o inquérito através de questões indirectas, seguindo o questionário do geral para o particular, com o objectivo de obter respostas espontâneas. A conversa livre, muitas vezes reveladora de palavras, expressões e formas desconhecidas, constitui a terceira parte do inquérito, contribuindo para acrescentar o questionário com a adição de novos itens e a duplicação dos termos que designam um mesmo conceito.

Descrição e interpretação de alguns dados dos inquéritos realizados

As informações fornecidas pelos informantes, nos diferentes pontos de inquérito, mostram-nos que alguns termos da actividade açucareira são comuns à produção vitivinícola nomeadamente *fermentação*, *bagaço*, *borra decantar*, *destilar* e *alambique*.

Algumas expressões que designam tipos e qualidades de cana, o cultivo e colheita da cana e a produção industrial constituem termos que parecem ser exclusivos da produção açucareira: *cana-de-açúcar*, *canica*, *cana roxa*, *cana violeta*, *cana preta*, *cana rajada* ou *listrada*, *cana rica*, *cana nozenta*, *cana varejada*, *soca da cana*, *socar a cana*, *limpa da cana*, *boca do engenho*, *bica do engenho*, *garapa*, *garapa virgem*, *garapa azeda*, *garapeiro*, *desdobramento da garapa*, *queimar a garapa*, *xarope*, *xaropada*, *engenho (trapiche de moagem no engenho da Calheta)*, *caldeira de cristalização*, *cozedor de açúcar*, *mel de primeiro jacto*, *mel de segundo jacto*, *mel de terceiro jacto* ou *melaço*, *açúcar mascavado*, *camua*, *vinhão*. Outras formas e expressões levantam dúvidas quanto à especificidade de uso na produção açucareira, por exemplo: *sabugo*, *emolhar*, *homem de poços*.

Se compararmos a terminologia actual da produção açucareira, recolhida nos inquéritos linguísticos, com a terminologia sacarina dos documentos dos séculos XV e XVI, verificamos que muitos termos e nomes de profissão específicos da área açucareira desapareceram, como por exemplo: *pão-de-açúcar*, *mestre de açúcar*, *açúcar de uma cozedura*, *açúcar de panela*, *remel*. Em contrapartida, registámos novos termos que surgiram com as novas tecnologias, na fabricação do mel, açúcar e aguardente, nomeadamente: *aparelho Dorr*, *filtro Olive*, *filtro Suchar(d)*, *caldeira de concentração*, *clarificador*, *evaporador*, *filtro de prensa*, *caldeira de vácuo (câmara de vácuo ou bomba de vácuo)* e *caldeira de cristalização*, *tanque Mallaxeur*, *(bateria de) centrifugadora(s)*, *condensador*.

Ao comparar os vocábulos da produção açucareira recolhidos nos inquéritos regionais realizados em estudos de dialectologia madeirense, há 30 e 40 anos, com os termos que registámos nos nossos inquéritos lexicais, verificamos que muitos termos desapareceram ou sofreram alterações. Hoje, não encontramos o termo *arrobar*; a expressão *tira palha* (que designava o tirar as folhas secas da cana) parece já não existir, pois foi substituída por *limpa da cana*

ou por *desfolhar* ou *enfolhar* (*a cana*); os termos *carricho* ou *caniço*, (utilizados para denominar a cana que não se desenvolveu completamente) parecem ter desaparecido; a expressão *vindima das canas* foi substituída por *soca* ou *apanha das canas*; o termo *fogão* (para designar a chaminé do engenho) parece desconhecido; a forma *sabugar* foi substituída por *tirar o sabugo*. As palavras *fragata* e *fragateiro* ainda foram assinaladas por alguns informantes, referindo uma realidade que já não existe, pois as canas já não são transportadas para os engenhos por mar. As expressões que designam os diferentes tipos de cana são hoje mais simples, pois perderam a preposição do complemento determinativo, apresentando as formas: *cana branca* por *cana da branca*, *canica* por *cana da canica*, *cana riscada* por *cana da riscada*, *cana violeta* por *cana da violeta*. Alguns termos mantêm-se inalterados para designar os mesmos conceitos: *arco*, *canudo*, *engenho*, *olho da cana*, *socar*, *refilhos*.

O estudo dos dados recolhidos no inquérito permite verificar a utilização do mesmo termo para designar conceitos diferentes. Assim, o termo *sabugo* denomina a parte superior da cana-de-açúcar que serve de alimento para os animais e é utilizada para plantar e, por isso, também designada *planta*, *ponta* e *olho da cana* (como os grelhos ou rebentos que surgem nos nós da cana) e designa ainda o líquido que fica nas mãos depois de limpar ou cortar a cana (conceito fornecido por um informante de Câmara de Lobos). Os termos *palha* ou *mato* designam as folhas secas da cana que alimentam o gado e o bagaço depois da segunda moenda que serve de combustível, sendo queimado nas fornalhas para alimentar a caldeira de bagaço. A expressão *boca do engenho* denomina o local onde sai a garapa da moenda (também designada *bica do engenho*) e o local onde entra o mato na fornalha. Termos diferentes designam um mesmo conceito, por exemplo: *canudo* e *rolo*; *olho da cana* e *grelho*; *palha*, *mato* e *folhagem*; *sabugo*, *olho da cana*, *ponta* e *planta*; *canica*, *cana branca* ou *cana de bum-bum*; *soca* e *troça*.

As diferentes realidades técnicas de cada engenho implicam diferentes designações para o mesmo processo de transformação industrial, por exemplo: o *separador mecânico* no engenho do Ribeiro Seco tem a mesma função do *coadro* e *peneiro* dos engenhos menos mecanizados e a *câmara de vácuo* tem a mesma função das *tachas* ou *tinas* de cozer mel dos engenhos que ainda mantêm o processo antigo de fabricação deste produto.

Conclusão

A terminologia açucareira, na Madeira, está intimamente ligada à história e ao património cultural da ilha. Este património já sofreu uma redução e, neste momento, corre o risco de extinção, devido às exigências de modernização industrial. Já existem vários estudos de história do açúcar e dos engenhos da ilha da Madeira, mas é necessário recolher e estudar o património linguístico da

produção açucareira, ameaçado pelas novas tecnologias que fazem desaparecer terminologia histórica do açúcar.

Os inquéritos lexicais da produção açucareira na ilha da Madeira pretendem recolher o património etno-linguístico da cultura madeirense, contribuindo para a documentação, salvaguarda, compreensão e valorização de tal património, nesta época de mudanças e transição de milénio.

Bibliografia

- AGOSTINO, Mari D' e PENNISI, Antonino. 1995. *Per una sociolinguistica spaziale. Modelli e rappresentazioni della variabilità Linguistica nell' esperienza dell' ALS*. Palermo, Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Istituto di Filologia e Linguistica. Facoltà di Lettere e Filosofia.
- AGOSTINO, Mari D'(a cura di). 1997. *Aspetti della variabilità. Ricerche Linguistiche Sicilliane*. Palermo, Centro de Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Dipartimento di Scienze Filologiche e Linguistiche. Facoltà di Lettere e Filosofia.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). 1998. *A Geolinguística no Brasil. Caminhos e Perspectivas*. Londrina, Editora UEL.
- Atlante Linguistico della Sicilia* (Direttore Giovanni Ruffino). Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Dipartimento di Scienze Filologiche e Linguistiche. Università di Palermo.
- Atlas Linguistique Roman (ALiR). Commentaires*, volume I. Roma. Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato. Libreria dello Stato. 1993.
- BRUDT, Kate. 1938. "Madeira. Estudo linguístico-etnográfico", *Boletim de Filologia*, tomo V, Imprensa Nacional de Lisboa: 59-91 e tomo VI: 289-349.
- CALDEIRA, A. Marques. 1993. *Falares da ilha. Dicionário da linguagem popular madeirense*. Funchal. 2ª edição.
- CARVALHO, J. G. Herculano de. 1953. *Coisas e palavras. Alguns problemas etnográficos e lingüísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Coimbra. Coimbra Editora.
- CASTRO, IVO. 1991a. *Curso de História da Língua Portuguesa* (com a colaboração de Rita Marquilhas e J. Léon Acosta). Lisboa, Universidade Aberta.
- CASTRO, IVO. 1991b. "A língua portuguesa no tempo e no espaço", *Falar melhor, escrever melhor*. Lisboa, Selecções do Reader's Digest: 53-89.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1958. "Alguns estudos de fonética com base no Atlas Linguístico da Península Ibérica", *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura: 186-195.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1961. "Une frontière lexicale et phonétique dans le domaine linguistique portugais", *Boletim de Filologia*, XX. Lisboa: 31-38.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1963. "Observations sur l' orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIII siècle", *Revue de Linguistique Romane*, vol. XXVII: 59-77.

- CINTRA, L. F. Lindley. 1971. "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses", *Boletim de Filologia*, XXII. Lisboa: 81-116.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1974. *Questionário Linguístico*. Lisboa, Publicações do Atlas Linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza. Instituto de Linguística.
- CINTRA, L. F. Lindley e CUNHA, Celso. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.
- CINTRA, L. F. Lindley. 1990. "Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses" (texto inédito, apresentado no II Congresso de Cultura Madeirense que decorreu no Funchal).
- CINTRA, L. F. Lindley. 1995. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora. 2ª edição.
- CRUZ, M. L. Segura da. 1987. *A fronteira dialectal do Barlavento do Algarve*. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Espaces Romans. Études de dialectologie et de géolinguistique offertes à Gaston Tuaille*, volume II. Université Stendhal-Grenoble. Ellug. 1989.
- FREITAS, Paula. 1994. *O Falar de S. Vicente. Descrição do sistema vocálico*. Câmara Municipal de São Vicente.
- GOMES, Alberto Figueira. 1949. "Acheegas para um estudo do dialecto insular", *Das Artes e da História da Madeira*. Funchal, n° 5006: 148-149; n° 5040: 195-196; n° 5046: 207-208; n° 5052: 213-214; n° 5063: 227-228.
- GONÇALVES, Ernesto. 1992. *Portugal e a ilha. Colectânea de estudos históricos e literários*. (Prefácio, selecção e notas de Alberto Vieira). Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Centro de Estudos de História do Atlântico.
- MACEDO, Deolinda Bela de. 1939. *Subsídios para o estudo do dialecto madeirense* (Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). 1996. *A carta de Caminha. Testemunho linguístico de 1500*. Salvador, Universidade Federal da Bahia.
- MONTEIRO, M. de Lourdes. 1945. *Porto Santo. Monografia linguística, etnográfica e folclórica*. (Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).
- NASCIMENTO, João Cabral do. 1950. "Existem palavras e locuções madeirenses?", *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. VIII: 204-211.
- NUNES, Adão de Abreu. 1953. "Termos usados pelos pescadores madeirenses", *Peixes da Madetra*. Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal: 257-274.
- NUNES, João da Cruz. 1965. *Os falares da Calbeta, Arco da Calbeta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*. (Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

- OLIVEIRA, A. M. P. Pires de e ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). 1998. *As ciências do léxico. Lexicologia. Lexicografia. Terminologia*. Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- PEREIRA, M. C. Noronha. 1951-1952. *Tentativa de um pequeno Atlas Lingüístico da Madeira e algumas considerações sobre particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar madeirense*. (Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- PESTANA, Eduardo Antonino. 1970. *Ilba da Madeira*. 2 vols. Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal.
- RAMOS, Accurcio Garcia. 1880. *Ilba da Madeira*, 2 vols. Lisboa, Typographia de G. A. Gutierrez da Silva.
- REZENDE, M. Ângela Leotte. 1961. *Canhas e Câmara de Lobos. Estudo etnográfico e lingüístico*. (Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- RIBEIRO, Emanuel. 1929. *Palavras do Arquipélago da Madeira* (Com um preâmbulo do Dr. Cláudio Basto). Porto, Edição de Maranus.
- RIBEIRO, Orlando. 1965. "A propósito de áreas lexicais no território português (algumas reflexões acerca do seu condicionamento)", *Boletim de Filologia*, XXI. Lisboa: 177-205.
- RUFFINO, Giovanni (a cura di). 1986. *Prospettive di lavoro per un Atlante Linguistico-Etnografico della Sicilia. Atti della Tavola Rotonda (Palermo, 11 Ottobre 1985)*. Palermo.
- RUFFINO, Giovanni. 1989. "Dialetto regionale e dialetti locali: per una geografia linguistica della Sicilia", *Dialetto e letteratura (Atti del 2° Convegno di Studi sul Dialetto siciliano, Pachino, aprile 1987)*. Pachino: 155-69.
- RUFFINO, Giovanni. 1991. *Dialettologia urbana e analisi geolinguistica. Tavola Rotonda (Palermo, 7 Ottobre 1990)*. Palermo.
- RUFFINO, Giovanni e AGOSTINO, M. D'. 1993. "Dialettologia rurale e dialettologia urbana nel progresso ALS (Atlante Linguistico della Sicilia)", *Contributi di Filologia dell'Italia Mediana*, 7: 207-25.
- RUFFINO, Giovanni (a cura di). 1995a. *Percorsi di Geografia Linguistica. Idee per un Atlante Siciliano della cultura dialettale e dell'italiano regionale*. Palermo, Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Istituto di Filologia e Linguistica. Facoltà di Lettere e Filosofia.
- RUFFINO, Giovanni. 1995b. *I Panti di Pasqua in Sicilia. Un saggio di geografia linguistica e etnografica*. Palermo.
- RUFFINO, Giovanni. 1996. "Linee di discussione e ipotesi di lavoro per l'Atlante Linguistico della Sicilia (ALS)", *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Romanicas* (Universidade de Santiago de Compostela, 1989). A Coruña: 649-682.

- SARAMAGO, João. 1992. *Le parler de l'île de Corvo - Açores*. Université Stendhal-Grenoble III - Centre de dialectologie. INIC - Centro de linguística da Universidade de Lisboa.
- SÉGUY, J. 1976. "La relation entre la distance spatiale et la distance lexicale", *Revue de Linguistique Romane*, 35. Strasbourg: 335-357.
- SILVA, A. Carvalho da. 1997. "Alguns apontamentos sobre vocabulários madeirenses do séc. XX", *Revista Islenha*, n° 20 Jan. - Jun. Funchal: 21-24.
- SILVA, P. Fernando Augusto da. 1950. *Vocabulário Madeirense*. Funchal, Junta Geral do Funchal.
- SOUSA, Luis de. 1950. *Dizeres da Ilha da Madeira. Palavras e Locuções*. Funchal, Casa Figueira (Tipografia).
- STEHL, Th. 1990. "Geolinguistica regionale e analisi variazionale. Considerazioni metodologiche per l' Atlante Linguistico della Sicilia", *Bollettino del Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani*, 16: 119-59.
- VARVARO, A. 1986. "Osservazioni sul progetto di un atlante linguistico della Sicilia", *Bollettino del Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani*, 15: 439-44.
- VITORINO, Gabriela. 1987. *Atlas Linguístico do Litoral Português. Fauna e Flora (mapas e notas)*. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Instituto Nacional de Investigação Científica.